

A CULTURA E A IDENTIDADE MATERIALIZADAS NAS CRÔNICAS DE WINSTON CHURCHILL RANGEL: ANÁLISE DESCRITIVA DO LÉXICO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES^I

Williane de Sá Marques

Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal
Fluminense (IFF)
ullimarques@gmail.com

Thiago Soares de Oliveira

Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro (UENF)
Professor do Instituto Federal Fluminense (IFF)
thiago.oliveira@iff.edu.br

RESUMO

Partindo da concepção de que o léxico de determinada sociedade está condicionado aos aspectos culturais e identitários dos indivíduos que a compõem, este artigo tenciona refletir acerca das ideias de pertencimento e de representação que envolvem a língua a partir das crônicas do autor campista, Winston Churchill Rangel. O cronista, em seus textos caracterizados pela informalidade e por marcas da oralidade, utiliza expressões recorrentes do vocabulário regional as quais são descritas neste trabalho. A análise descritiva aqui realizada ainda considera o inventário da obra *A linguagem da Baixada Goytacá* (1992), produzida por Álano Barcelos, e a inscrição desses termos regionais em quatro dicionários da língua portuguesa — Michaelis (1998), Houaiss (2009), Aurélio (2010) e Caldas Aulete (2011).

Palavras-chave: cultura, identidade, crônica, léxico, Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

Considering the concept of lexicon within a society and its relation to the cultural and identity aspects of the individuals composing it, this article discusses the sense of belonging and representation associated with the language in the chronicles of Winston Churchill Rangel, chronicler born in Campos dos Goytacazes. His texts are characterized by informality and orality marks, with the use of everyday expressions from the regional vocabulary. These facts are described in detail in this paper. Besides, a descriptive analysis is conducted based on the book *A linguagem da Baixada Goytacá* (1992) by Álano Barcelos, and the definition according to four dictionaries of the Portuguese language — Aurélio (2010), Caldas Aulete (2011), Houaiss (2009) and Michaelis (1998).

Keywords: culture, identity, chronic, lexicon, Campos dos Goytacazes.

Considerações iniciais

Basta estabelecer um diálogo com um campista para ouvir palavras que aqueles oriundos de municípios não tão próximos da região norte do Estado do Rio de Janeiro considerariam, no mínimo, peculiares. Ao longo da conversa, não é difícil deparar-se com um “cabrunco” ali, um “lâmparão” acolá ou um “siminino” como vocativos na construção frasal do nascido na planície Goitacá. Esses são apenas alguns exemplos de vocábulos que, embora possam não estar catalogados nos mais conceituados dicionários da língua portuguesa, são parte do léxico de um povo que faz da língua uma manifestação de sua cultura e identidade.

O ato de criar palavras ou dar-lhes novos conceitos e/ou significados com o propósito de atender às necessidades de expressão de seus falantes é o que os gramáticos, linguistas e estudiosos da língua denominam Neologia. Em Campos dos Goytacazes, a prática pode até não ser conhecida pela sua nomenclatura, mas é tão comum quanto comer churrisco e goiabada cascão, contar e ouvir “causos” no calçadão do Centro ou apreciar o charme do rio Paraíba do Sul, que corta a cidade ao meio: é típico. Isso leva a refletir sobre a ideia de pertencimento e de representação que envolve a língua: os recursos linguísticos produzem efeitos de sentido que revelam aspectos da vida social de determinada comunidade. Heterogêneo e gradual, o vocabulário fornece elementos característicos a respeito do comportamento e da interpretação do mundo por parte dos integrantes de um grupo, e esse acervo lexical permite que seja conhecida parte da história dos falantes da língua e suas experiências.

A partir das apreciações de léxico em autores como Biderman (2001), além de outras de cultura e identidade descritas por Kramsch (1998) e Hall (2011), este artigo tem

a finalidade de apresentar alguns itens do vocabulário de Campos dos Goytacazes, utilizados nas crônicas de Winston Churchill Rangel publicadas nos livros *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) e *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007). Por meio das expressões coletadas nos textos, pretende-se examinar a linguagem regional através do prisma da cultura e da identidade, bem como contribuir para a ampliação das pesquisas linguísticas e culturais sobre o patrimônio imaterial do município em questão.

Este trabalho é metodologicamente construído por meio da pesquisa bibliográfica e da documental, ambas apoiadas na conceituação de Marconi e Lakatos (2010, p. 263) de artigo de análise, uma vez que se propõe a analisar “cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo”. Antes de desenvolver, porém, a análise propriamente dita, conceituam-se e inter-relacionam-se as noções de cultura e de identidade a partir do léxico, em razão da fonte de dados a que se recorre. O método da pesquisa, por sua vez, parte da apresentação e da análise descritiva das palavras e expressões utilizadas pelo autor a partir de sua memória e imaginação, considerando o contexto em que esses vocábulos são inseridos, com a intenção de compreender seus usos e significados da cultura local, o que será objeto de reflexão na segunda parte do artigo. A escolha dos vocábulos utilizados dá-se pela catalogação do filólogo também campista, Álano Barcelos, no livro *A linguagem da Baixada Goitacá* (1992), que reúne parte do léxico de Campos dos Goytacazes coletado por meio de entrevistas. Algumas das palavras catalogadas por ele são descritas em grandes dicionários da língua portuguesa como *Michaelis* (1998), *Houaiss* (2009), *Aurélio* (2010) e *Caldas Aulete* (2011), e esses significados “formais” também são expostos na última seção deste trabalho.

Por fim, apesar de o tema requerer um estudo pormenorizado das teorias indicadas acima, o presente artigo deve ser avaliado como um ponto de partida para a discussão de questões referentes ao léxico, à identidade e à cultura, permitindo que os interessados por esse campo de representação sejam iniciados nessas reflexões e, por meio delas, possam ponderar acerca da importância do léxico no contexto social, desenvolver outros trabalhos que possibilitem a difusão do vocabulário de Campos na academia e fornecer dados a respeito do uso da língua nessa região.

1. Léxico, cultura e identidade: conceituação e inter-relação

A língua, enquanto sistema de signos, funciona como representação do ambiente onde os indivíduos estão inseridos, bem como dos conhecimentos por eles absorvidos e/ou transmitidos, sendo, portanto, produto das interações humanas. Essa é a concepção de Saussure, que, em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (2006, p. 39), expôs que a língua "é um produto social da faculdade da linguagem". Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 35) contribui para esse entendimento ao afirmar que a função da língua é "expressar a cultura para permitir a comunicação social".

Diante dessas perspectivas, pode-se afirmar que o léxico é a reunião de vocábulos de uma língua e, para Biderman (2001, p. 9), é também o saber partilhado que existe na consciência dos falantes, uma vez que "deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade". Essas considerações levam à compreensão de que o vocabulário é determinado pela cultura e esta, por sua vez, é marcada pelos usos da língua.

Há, portanto, uma correlação entre os conceitos de língua e cultura. Sendo aquela o resultado do processo de significação e interpretação de experiências, observa-se que os conhecimentos de mundo são organizados por meio do léxico e variam de acordo com a comunidade, o lugar e o tempo em questão. Os vocábulos seriam unidades de sentido utilizadas na construção das práticas discursivas, condicionadas estas aos contextos sociais, históricos e culturais.

É no léxico que estão registradas as denominações das ideias e das ações cotidianas de um povo, dos objetos que eles manejam, do trabalho que realizam, dos locais que percorrem e das pessoas com quem convivem. Desse modo, nota-se que as transformações as quais os indivíduos e o seu ambiente sofrem com o decorrer do tempo também estão presentes no léxico. Ainda segundo Biderman (2001), as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares, e esse processo pode fazer com que determinados vocábulos entrem em desuso, desapareçam ou até mesmo voltem à circulação e ganhem novas conotações. Sendo o sistema linguístico um reprodutor cultural, afirma Duranti (2000) que, quando se adquire uma linguagem, passa-se a fazer parte de uma comunidade de pessoas as quais participam de atividades comuns através do uso dessa linguagem. Compartilhar uma língua seria, portanto, fazer parte de uma tradição e acessar uma memória coletiva.

Partindo desse pressuposto, é importante definir “cultura”. Haja vista que esse termo é polissêmico, neste trabalho optou-se por entender o conceito segundo a concepção de léxico, inter-relacionando ambos, como fizeram as autoras Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7), segundo as quais, “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” e, desse modo, “na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura”. Consoante

Kramsch (1998), a “língua” é um dos vários sistemas simbólicos que compõem uma cultura, porque expressa, incorpora e simboliza os valores culturais.

A cultura libera as pessoas do esquecimento, do anonimato e da aleatoriedade da natureza, limitando-as impondo-lhes uma estrutura e princípios de seleção. Esse duplo efeito da cultura sobre o indivíduo – tanto libertador quanto constrangedor – se desenrola nos planos social, histórico e metafórico (KRAMSCI, 1998, p. 6) (TRADUÇÃO NOSSA).ⁱⁱ

Tratar da cultura seria, então, dar ênfase às características sociais, às organizações e às relações interpessoais do grupo em questão. E as palavras, por sua vez, refletem essas normas sociais, essas tradições e experiências, servindo de símbolo e/ou indício da história de dada comunidade em determinada época.

Com base nessas apreciações, é possível perceber que as atividades linguísticas enfatizam aspectos culturais de uma comunidade, e estes servem como construtores de uma identidade social. A língua, bem como a cultura, institui-se como um processo, isto é, está em constante transformação, correspondendo a um acervo construído ao longo das gerações (tempo) em determinada região (espaço). Da mesma forma, a identidade é formada por meio das características compartilhadas entre os membros de uma comunidade. Em outras palavras, é possível identificar um grupo por seus aspectos culturais e, entre eles, está a língua.

De acordo com Dubar (1997), a identidade não é única, mas sim “dialética”, e, por isso, prefere referir-se a ela como “formações identitárias”. Para ele, “a identidade social não é ‘transmitida’ por uma geração à seguinte, cada geração a constrói, com base nas [...] posições herdadas [...], mas também através das estratégias identitárias [...] pelas quais os indivíduos passam” (DUBAR, 1997, p. 156). Já Bauman (2005) entende que o

pertencimento e a identidade não são sólidos e garantidos, mas negociáveis e revogáveis e estão condicionados às decisões tomadas, aos caminhos percorridos e às atitudes dos indivíduos.

Essa ideia encaminha a discussão para o lado da “identidade cultural”, noção a partir da qual o pertencimento está atrelado aos aspectos relacionados às etnias, às religiões, às tradições regionais e nacionais e também às questões linguísticas. Em síntese, identidade é um conceito complexo que está ligado a fatores diversos, entre eles o que se entende por sociedade e cultura (HALL, 2011). Dentro desse contexto, a identidade parece ser um elemento que só existe atrelado a outros, ou seja, embora o termo soe como um conjunto de características único que compõe a identificação dos sujeitos individualmente, essa identidade se constitui por meio de fatores externos, como o meio em que esses sujeitos estão inseridos, a memória coletiva presente na cultura desse meio, etc.

Entende-se que, sendo a linguagem uma forma de expressão de caráter concomitantemente individual e social, a língua de dada comunidade emerge das situações, ideias e conhecimentos socialmente partilhados. Isso significa que o léxico dessa língua está em conformidade com as manifestações culturais e com as percepções identitárias dos indivíduos que a compõem, determinado pelas experiências passadas do povo e continuamente atualizado pelas circunstâncias presentes.

2. A crônica

Antes de apresentar o léxico campista como marcador identitário e cultural, principiando a análise do *corpus* selecionado, é importante conceituar brevemente

"crônica", gênero textual em que se encaixa a obra de Rangel (1987; 1990; 2007) aqui analisada.

A palavra *crônica*, etimologicamente, está associada ao vocábulo *khronos* (no grego) ou *chronos* (no latim), que, em ambas as línguas históricas, significa *tempo*. Na contemporaneidade, a crônica seria, de acordo com Redmond (2009), um gênero literário produzido, inicialmente, para ser veiculado na imprensa, e que teria como motivação para a escrita os acontecimentos cotidianos e corriqueiros.

Ainda segundo Redmond (2009), duas características da narrativa cronística teriam contribuído para a sua popularidade: o caráter de relato histórico, ligado à etimologia da palavra *crônica*, e seu atributo de literatura associada ao jornalismo, o que favoreceria o estabelecimento de uma relação de familiaridade entre o autor e o leitor. É o que Candido (1992) chama de literatura ao "rés-do-chão".

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. [...]. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas [...] a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um (CANDIDO, 1992, s/p).

A partir dessa breve conceituação, observa-se que a crônica, com suas características circunstanciais e de linguagem próxima à oralidade, pode ser apreciada como um texto de caráter informal e que, a depender das intenções do autor, pode também apresentar registros típicos da fala. E são esses apontamentos que justificam a escolha de tal gênero como *corpus* da pesquisa, visto que há verossimilhança entre o que é narrado no texto e o que é vivido na realidade. Portanto, optou-se por utilizar textos

dessa ordem a fim de recolher amostras do léxico proveniente dos falantes de Campos dos Goytacazes, considerando que o autor das obras apreciadas é natural de tal município e tem como característica do seu estilo textual o uso de alguns desses vocábulos.

Como dito acima, analisam-se aqui três livros de crônicas escritos por Winston Churchill Rangel — *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987), *Peixaria do Herval e outros leros* (1990) e *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007).ⁱⁱⁱ Os textos impressos nestes exemplares foram redigidos, a princípio, para publicação em jornais, sendo compilados em livro posteriormente.

A eleição das crônicas de Rangel como *corpus* desta pesquisa justifica-se também pelo fato de ele ser um dos escritores campistas ainda vivos que têm como estilo literário o regionalismo linguístico de Campos. Esses textos também expressam o dia a dia dos campistas, pois citam locais conhecidos pelos habitantes e costumes comuns à população do lugar.

3. O léxico campista como marcador identitário e cultural

Tendo em vista a definição deste trabalho como um artigo de análise, buscou-se relacionar as amostras lexicais tipicamente campistas e seus respectivos contextos nas crônicas aos significados expostos por Barcelos em *A linguagem da Baixada Goitacá* (1992), bem como aos dicionários de língua portuguesa *Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa* (1998), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), *Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (2010) e *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011), os quais foram escolhidos por serem alguns dos maiores e mais populares no Brasil.

A escolha pela utilização do livro de Barcelos (1992) deu-se por esta ser uma obra de referência, uma vez que reúne os vocábulos típicos da região e expõe os seus significados. Reitera-se, ainda, o desconhecimento da existência de acervos do linguajar da região atualizados e/ou mais extensos que pudessem ser utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. É válido ressaltar que, nessa obra, o autor se refere especificamente ao linguajar da Baixada Campista, área de suma importância histórico-cultural e econômica para o município de Campos. Entretanto, os vocábulos catalogados não são restritos aos moradores daquele local, mas estão presentes no léxico de indivíduos oriundos de outras áreas da mesma cidade, sobretudo localidades rurais e/ou economicamente carentes.

Durante a pesquisa, notou-se que alguns vocábulos que, em princípio, seriam tipicamente campistas, também estão catalogados em grandes dicionários, o que indica que estes seriam aceitos e pronunciados por uma parcela significativa da comunidade brasileira e não somente pelos falantes oriundos de Campos dos Goytacazes. Isso pode ser explicado pelo fato de o léxico ser um conjunto de elementos compartilhados entre indivíduos, o que permitiria a exportação natural de determinadas palavras para outras comunidades linguísticas, tornando-se complexa a tarefa de designar uma procedência exata. Aliás, Bassetto (2010, p. 127) concebe o léxico como “um inventário aberto, em parte mutável”. Contudo, ainda assim, não é possível desconsiderar a importância que esses vocábulos têm para a cultura e a identidade da população desse município.

Diante dessa proposta e considerações, após a leitura, recolheram-se nas obras de Rangel (1987; 1990; 2007) cinco^{iv} vocábulos e expressões que, de acordo com Barcelos (1992), são formas linguísticas transmitidas oralmente de geração em geração aos campistas e que, até a publicação do livro, não estariam dicionarizadas ou que adquiriram

significados diferentes do primário a partir do uso dos falantes. São eles: “*engomador, canhanha, macega, cabrunco e faturento*”.

O primeiro, *engomador*, foi encontrado na crônica “O Mergulho do Macaco” *Neptuno*, do livro *Cerca Lourenço e outras histórias* (1987, p. 20): “Um *engomador*, daqueles de carvão em brasa, que a mãe usava para passar a roupa”. Percebe-se que somente pelo contexto já é possível identificar o significado desse vocábulo, mas seguem as conceituações das obras consultadas:

Quadro 1: Significado de *engomador*

“Engomador”	
Barcelos (1992)	“Engomar+dor. Ferro de passar roupa”.
Michaelis (1998)	Pode ser um adjetivo que significa “que engoma” ou um substantivo masculino que designa “aquele que tem a profissão de engomar roupa”.
Houaiss (2009)	Refere-se a “que ou aquele que engoma” ou “que ou aquele que engoma profissionalmente”
Aurélio (2010)	Apresenta três significados: o adjetivo “que engoma”, o substantivo masculino “aquele que engoma roupa” e, por fim, “ferro de engomar; ferro de passar”, este último classificado como uma palavra de variante geográfica brasileira.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

Nota-se que, em três dos dicionários formais, *engomador* é classificado como adjetivo ou substantivo masculino referente a uma profissão ou atividade. Contudo, para os campistas, *engomador* seria um substantivo referente a um objeto de uso doméstico.

O próximo vocábulo extraído das crônicas analisadas é *canhanha*, presente no segundo livro de Rangel, *Peixaria do Herval e outros leros* (1990, p. 10) em texto homônimo: “[...] uns que nascem e se perpetuam sem dentes, donos de *canhanha* mais forte do que torquês [...]”. Inicialmente, é possível notar que tal palavra tem significado relacionado à dentição.

Quadro 2: Significado de *canhanha*

“Canhanha”	
Barcelos (1992)	É um substantivo masculino que tem o sentido de “desdentado, banguela”.
Michaelis (1998)	Pode referir-se a um “peixe marinho, da família dos Esparideos (<i>Archosargus unimaculatus</i>)” ou a “fraude, mercador, sambuio, sambulho, canhenha”.
Houaiss (2009)	Apresenta duas interpretações: a primeira, descrita como de origem tupi e empregada no Estado do Rio de Janeiro, é a mesma descrita por Barcelos (1992): “banguela”. Já o segundo significado está relacionado à zoologia e refere-se a um “peixe, actinoptério, teleosteo, perciforme, esparideo (<i>Archosargus unimaculatus</i>), do Atlântico”.
Aurélio (2010)	Significa “indivíduo desprovido de dentes; banguela” ou “aquele que não tem dentes”. Os autores desse dicionário destacam que essa palavra seria, possivelmente, de origem tupi.
Aulete (2011)	Classifica o vocábulo com o significado de “banguela (‘sem dente’), bem como de “sargo-de-dente (<i>Archosargus rhomboidalis</i>)”.

Percebe-se que o significado empregado em Campos seria de origem indígena e é compartilhado por integrantes de outras comunidades linguísticas, haja vista que a conceituação dada por Barcelos (1992) é semelhante à dos dicionários utilizados nesta pesquisa. Contudo, o fato de a mesma palavra com análogo significado ser utilizada por indivíduos oriundos de diferentes localidades não exclui a importância que esse vocábulo exerce sobre o léxico de um lugar específico, no caso Campos dos Goytacazes. Isso significa que, embora não seja possível afirmar que *canhanha* é um vocábulo tipicamente campista, é utilizado pelos falantes dessa região, estando inclusive presente na catalogação do Álvaro Barcelos.

Quanto à palavra *macega*, esta foi retirada da crônica “Reencontro no Boulevard”, do livro *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos* (2007, p. 62): “É porque achei muito abandonada, muita *macega*”.

Quadro 3: Significado de *macega*

“Macega”	
Barcelos (1992)	Consta apenas o adjetivo masculino “maceguento” que se origina do substantivo “macega”. De acordo com o linguista, aquele significa “maltratado, descomposto”.
Michaelis (1998)	É um substantivo feminino com quatro significados: “erva daninha, infestante das searas”; “campo natural, cujo capim, muito amadurecido, está grosso e fibroso”; “erva graminácea (<i>Erianthus saccharoides</i>), também chamada de cana-brava”; e “gramídea alta e rígida, com folhas cortantes (<i>Andropogon spathiflorus</i>), também chamada de capim-taquarizinho”.
Houaiss (2009)	Significa “erva daninha que costuma nascer em áreas cultivadas”; “capim alto e seco, que dificulta a movimentação, trânsito, etc. no campo”; especificamente no Rio Grande do Sul, a palavra teria o significado de “arbusto rasteiro que cresce nos campos de má qualidade”; e, no Sergipe, seria, no sentido figurado, “coisas embaralhadas, mal ordenadas; maçaroca”, no entanto, a origem deste significado seria “obscura”, segundo o verbete.
Aurélio (2010)	Pode ser um substantivo feminino que significa “erva daninha que surge nas searas”; um substantivo de origem brasileira com sentido de “capim dos campos, quando seco e tão crescido que dificulta o trânsito” e, no Rio Grande do Sul, também pode significar “arbusto rasteiro que viceja, em geral, nos campos de qualidade inferior”.
Aulete (2011)	Utilizada tanto no sentido de “erva daninha que nasce em terras cultivadas”; “campina suja, com capim alto e seco, a ponto de dificultar a passagem”; “arbusto rasteiro que cresce geralmente em terreno de baixa qualidade”; no Rio Grande do Sul, quanto como “conjunto de coisas embaralhadas, mal ordenadas; maçarocada, confusão”, significado esse também descrito como de origem etimológica “obscura”.

Os significados que mais se adequam a esse vocábulo, de acordo com o contexto da crônica, seriam os últimos do Aulete (2011) e do Houaiss (2009). Nota-se que, conquanto o mesmo vocábulo possa ser utilizado em variadas comunidades linguísticas, também pode ser empregado de maneira diferente em cada uma delas, ou seja, a língua falada (ou escrita de modo que represente a fala) apresenta autonomia em relação à língua portuguesa padrão, pois tem suas próprias particularidades a depender de aspectos culturais, sociais e geográficos que permeiam seus falantes.

Já a palavra *cabrunco* consta em duas crônicas do primeiro livro (1987, p. 34; p. 61), “Água e Sabão” (“Onde está a educação que eu te dei, *cabrunco* desgraçado”) e “Conversa de Boulevard” (“*Cabrunco*, mal de roda”); em uma crônica do segundo livro (1990, p. 33), “Dos Meus Amigos” (“Deixa que eu vou a pé, *cabrunco*”); e em outra crônica da terceira obra (2007, p. 59), “Reencontro no Boulevard” (“*Cabrunco!*”). Percebe-se, pelo contexto das frases, que esse vocábulo é utilizado como vocativo e interjeição.

Quadro 4: Significado de *cabrunco*

“Cabrunco”	
Barcelos (1992)	É um substantivo e adjetivo masculino que significa “nome de xingamento” e que “às vezes é empregado com conotação positiva”.
Michaelis (1998)	Tal palavra não está catalogada.
Houaiss (2009)	Tal palavra não está catalogada.
Aurélio (2010)	Tal palavra não está catalogada.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

Fato análogo ocorre com outro vocábulo encontrado nos textos analisados, *farturento*. Essa palavra está presente na crônica “Novena Para Amansar Corno”, também do último livro de Rangel (2007, p. 137): “Orgulhoso ao ser considerado [...] amoroso, pai zeloso, *farturento*, competente [...]”. Por meio do contexto, compreende-se tal palavra como um adjetivo masculino.

Quadro 5: Significado de *farturento*

“Farturento”	
Barcelos (1992)	Advém de “fatura” significando, portanto, “qualidade do que tem muita fatura” ou “analogia com sedento”.
Michaelis (1998)	Tal palavra não está catalogada.
Houaiss (2009)	Tal palavra não está catalogada.
Aurélio (2010)	Tal palavra não está catalogada.
Aulete (2011)	Tal palavra não está catalogada.

A ausência de registros formais em grandes dicionários é indício de que as palavras *cabrunco* e *farturento* podem não exprimir sentido para a maioria da população falante da língua portuguesa. Isso confirma a hipótese de que esses vocábulos fazem parte do acervo de um grupo específico de pessoas, de modo a exprimir uma visão particular-comunitária de mundo. Assim, é possível afirmar que as palavras acima funcionam como marcadores identitários e culturais de seus falantes. Esta é a apreciação de Isquierdo (1998, p. 91): “o estudo do léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”.

Em suma, a hipótese confirmada neste trabalho vai ao encontro da afirmação de Isquierdo (1998), uma vez que reitera que o léxico e as palavras que o formam são fatores constitutivos de uma comunidade porque nomeiam e descrevem os elementos que cercam seus integrantes. Essa ideia também tem relação com a concepção de Stuart Hall (2011) para a formação das identidades. Ele declara que o processo de formação identitária depende dos fatores sociais que agem sobre os indivíduos e esse conceito, por sua vez, está atrelado às concepções de léxico e cultura.

Considerações finais

Diante da exposição dos vocábulos e de seus significados, das conceituações de léxico, cultura e identidade, e da reflexão aqui desenvolvida, nota-se que o acervo vocabular de um grupo social representa os hábitos, costumes e valores compartilhados entre os indivíduos, uma vez que é por meio da língua que o homem sintetiza seu modo

de interpretar e estruturar o mundo onde vive. Em vista disso, é correto afirmar, com base nas palavras extraídas das crônicas de Rangel (1987; 1990; 2007) e nos significados expostos por Álano Barcelos (1992), que o léxico desponta como marcador identitário e cultural dos campistas.

O fenômeno pôde ser comprovado mais precisamente por meio dos vocábulos *cabrunco* e *farturento* que, embora estejam presentes no acervo de Barcelos sobre o linguajar campista, não estão catalogados nos grandes dicionários da língua portuguesa. As outras palavras selecionadas — *canhanha*, *engomador* e *macega* — têm seus significados expostos em pelo um dos acervos lexicais formais, o que indica que esses vocábulos são familiares a uma parcela relevante da população brasileira, e não somente aos campistas.

Como dito anteriormente, por se tratar de um elemento cultural e estar submetido às mudanças sociais e históricas, o léxico é mutável e expansível, e essas duas características contribuem para a dificuldade em afirmar se as palavras são, de fato, típicas de Campos. Desse modo, ainda que *cabrunco* e *farturento* estejam presentes no inventário de Barcelos (1992), mas não nos dicionários formais, não é possível afirmar que essas duas palavras foram concebidas e são pronunciadas apenas no município em questão. No entanto, essa máxima não exclui o fato de que, tanto essas quanto as outras expressões recolhidas neste artigo, têm influência cultural e identitária para a população da região.

Em suma, a língua falada e a representação desta em textos de ordem literário-jornalísticas — como as crônicas, que podem ser escritas com linguagem próxima à oralidade — estão, ao que parece, intrinsecamente relacionadas à identidade e aos aspectos culturais do povo que as pronuncia e registra.

No mais, acredita-se que o presente trabalho venha contribuir para essas futuras análises, além de fornecer dados indiciais que ratificam a importância que o vocabulário local exerce sobre os registros factuais ou fictícios da história de Campos dos Goytacazes e de seus municípios.

Referências

- BARCELOS, Álvaro. *A linguagem da Baixada Goitacá*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1992.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história interna das línguas românicas*. V. 2. São Paulo: Edusp, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Traducción Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <<https://reflexionesdecoloniales.files.wordpress.com/2017/01/antropologia-linguistica-alessandro-duranti-copia.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOUAISS, Antônio. *Novo Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *Princípios de Linguística Geral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

RANGEL, Winston Churchill. *Cerca Lourenço e outras histórias*. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 1987.

_____. *Peixaria do Herval e outros leros*. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 1990.

_____. *O esculhambador geral e particularidades relativas a outros assuntos*. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 2007.

REDMOND, William Valentine. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. *Verbo de Minas*. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, v. 9, n. 17, 2010, p. 133-142. Disponível em: <<http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/download/238/145>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 (1916).

Recebido em 12 de agosto de 2018.

Aceite em 20 de setembro de 2018.

ⁱ Artigo resultado de pesquisa desenvolvida no Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ.

ⁱⁱ “Culture both liberates people from oblivion, anonymity, and the randomness of nature, and constrains them by imposing on them a structure and principles of selection. This double effect of culture on the individual — both liberating and constraining — plays itself out on the social, the historical and the metaphorical planes” (KRAMSCH, 1998, p. 6).

ⁱⁱⁱ Os três livros utilizados neste trabalho são frutos de edição artesanal e, portanto, não possuem registro ISBN – *International Standard Book Number*, logo as obras utilizadas na pesquisa não são facilmente encontradas em bibliotecas e livrarias, estando, atualmente, restritas a acervos pessoais e/ou sebos.

^{iv} Vale esclarecer que foram encontrados ainda outros vocábulos e expressões não dicionarizados que, de acordo com o autor das crônicas, seriam originários da região, como *enferruscada*, *desengrazar*, *pendurico*, *garrotilho*, *rabo-de-égua*, *baixios*, *cristuda*, *chorococando*, entre outros. Entretanto, essas amostras não estão catalogadas na obra de Barcelos (1992), e se desconhece a existência de outro dicionário que registre o léxico campista. Por esse motivo, optou-se por desconsiderar esses vocábulos nesta pesquisa.